



Oscar Wilde

O amigo dedicado

Certa manhã, o velho Ratão-d'água botou a cabeça para fora de seu buraco. Ele tinha uns olhinhos brilhantes e uns bigodes cinzentos e duros, enquanto seu rabo parecia uma tira comprida de borracha. Os patinhos estavam nadando no lago, parecendo um bando de canarinhos amarelos, enquanto sua mãe, que era toda branca, com as pernas vermelhas, estava tentando ensinar-lhes, um a um, a ficar com a cabeça para baixo, dentro d'água.

— Vocês jamais poderão frequentar a melhor sociedade se não aprenderem a ficar de cabeça para baixo — dizia ela.

E de vez em quando mostrava como é que se devia fazer. Mas os patinhos não prestavam a menor atenção. Eles eram ainda tão pequenos que não percebiam que vantagem poderia haver em ser aceito na sociedade.

— Que filhos mais desobedientes! — gritou o Ratão-d'água. — Eles realmente merecem se afogar.

— Nada disso — respondeu a Pata. — Todo mundo tem de começar em alguma hora, e os pais nunca podem ser por demais pacientes.

— Ah! Eu não sei nada a respeito desses sentimentos de pais — disse o Ratão-d'água. — Pessoalmente, não sou homem de família. Na verdade, jamais me casei, nem pretendo casar. O amor pode ser uma coisa muito boa, lá à sua moda, mas a amizade é de nível muito mais alto. De fato, não há nada neste mundo que seja mais nobre ou raro do que uma amizade dedicada.

— E qual é, se me permite, a sua ideia de uma amizade dedicada? — perguntou um Pintarroxo verde, que estava pousado em um chorão ali por perto e ouvira a conversa.

— Era isso mesmo o que eu queria saber — disse a Pata, e nadou para a outra extremidade do lago, ficando de cabeça para baixo a fim de dar um bom exemplo a seus filhos.

— Que pergunta mais boba! — exclamou o Ratão-d'água. — Eu esperaria de um amigo dedicado que ele fosse dedicado a mim, naturalmente.

— E o que é que você faria em troca? — disse o passarinho, balançando-se sobre um jato prateado e batendo suas asinhas pequeninas.

— Não estou compreendendo — respondeu o Ratão-d'água.

— Deixe que eu lhe conte uma história a respeito — disse o Pintarroxo.

— A história é a meu respeito? — perguntou o Ratão-d'água. — Se for, quero ouvi-la, pois gosto muito de ficção.

— Aplica-se a você — respondeu o Pintarroxo.

E, voando para baixo, foi pousar na margem do lago, onde contou a história do Amigo Dedicado.

— Era uma vez — começou o passarinho — um homenzinho honesto chamado Hans.

— Ele era muito distinto? — perguntou o Ratão.

— Não — respondeu o Pintarroxo —, não creio que fosse muito, a não ser por seu bom coração e sua cara engraçada, redonda e bem-humorada.

Ele morava sozinho em um chalé bem pequenino, e todo dia trabalhava no jardim. Em toda aquela região ninguém tinha um jardim tão bonito quanto o dele. Nele cresciam Goivos, Cravinas, Bolsas-de-pastor e Ranúnculos. Havia Rosas adamskadas e Rosas amarelas, Crocos lilases e dourados, Violetas roxas e brancas. Aquilégias e Cardaminas, Manjerição e Basilicão Selvagem, Prímulas e Flores-de-lis, Narcisos e Cravos-da-Índia cresciam e floresciam em sua sequência certa, à medida que os meses se passavam, cada flor tomando o lugar da outra, de modo que sempre havia lindas coisas para se olhar e perfumes agradáveis para se cheirar.

O pequeno Hans tinha muitos amigos, porém seu amigo mais dedicado era o grandão Hugo, o Moleiro. Na verdade, tão dedicado era o rico Moleiro ao pequeno Hans que ele jamais passava por seu jardim sem se debruçar por cima do muro e colher um grande buquê de flores, ou um punhado de ervas cheirosas, ou sem encher seus bolsos com ameixas e cerejas, se era tempo de frutas.

— Os amigos de verdade compartilham tudo — costumava dizer o Moleiro.

O pequeno Hans acenava, sorria e ficava muito orgulhoso de ter um amigo com ideias tão nobres.

Às vezes, na verdade, os vizinhos achavam meio estranho que o rico Moleiro jamais desse qualquer coisa em troca ao pequeno Hans, embora tivesse cem sacos de farinha guardados em seu moinho, seis vacas leiteiras e um grande rebanho de carneiros lanudos.

Mas Hans nunca encheu a cabeça com pensamentos assim, e nada lhe dava tanto prazer quanto ouvir todas as coisas maravilhosas que o Moleiro costumava dizer a respeito do altruísmo da verdadeira amizade.

De modo que o pequeno Hans continuava a trabalhar em seu jardim. Na primavera, no verão e no outono ele era muito feliz, mas, quando chegava o inverno e ele ficava sem flores ou frutas para levar ao mercado, sofria bastante de frio e fome, e muitas vezes ia se deitar sem comer, a não ser umas peras secas ou umas nozes duras. Além disso, no inverno ele se sentia extremamente só, já que nessas épocas o Moleiro jamais ia vê-lo.

— Não adianta eu ir ver meu pequeno Hans enquanto dura a neve — dizia o Moleiro à sua mulher —, pois quando as pessoas estão com problemas o melhor é deixá-las sozinhas, para que não tenham de se aborrecer com visitas. Pelo menos essa é a ideia que tenho da amizade, e tenho a certeza de que estou certo. E por isso esperarei até chegar a primavera, quando então irei visitá-lo, e ele poderá dar-me uma grande cesta de margaridas, o que o fará muito feliz.

— Não há dúvida de que você tem muita consideração para com os outros — respondeu a mulher, confortavelmente sentada em uma poltrona junto ao fogo de pinho em sua lareira. — Muita consideração mesmo. É um privilégio ouvir você falar sobre amizade. Tenho certeza de que nem mesmo um sacerdote seria capaz de dizer as coisas lindas que você diz, mesmo que morasse em uma casa de três andares e usasse anel no dedinho.

— Mas será que não podíamos convidar Hans a vir para cá? — disse o filho mais moço do Moleiro. — Se o pobre Hans está em dificuldades, eu lhe darei metade do meu mingau, e ainda lhe mostro meus coelhos brancos.

— Mas que menino tolo! — gritou o Moleiro. — Não vejo o que é que adianta mandá-lo para o colégio. Parece não estar aprendendo nada. Ora essa, se o pequeno Hans viesse aqui e visse nosso fogo quentinho, nosso jantar gostoso e nosso imenso barril de vinho tinto, ele poderia até ficar com inveja, e a inveja é uma coisa horrível, que pode estragar a natureza de qualquer um. E eu certamente não vou permitir que a natureza de Hans seja conspurcada. Eu sou o melhor amigo dele e sempre hei de velar por ele, providenciando para que não caia em nenhuma tentação. Além do que, se Hans viesse aqui, seria capaz de pedir que eu o deixasse levar um pouco de farinha fiado, coisa que eu jamais poderia fazer. Farinha é uma coisa, amizade é outra, e não se pode confundir as duas. Ora, as duas palavras se

escrevem de modos diversos e significam coisas radicalmente diferentes. Qualquer um pode ver isso.

— Como você fala bem! — disse a mulher do Moleiro, servindo-se de uma grande caneca de cerveja. — Fiquei até sonolenta, é como estar na igreja.

— Muita gente age bem — respondeu o Moleiro —, porém muito poucos falam bem. O que mostra que falar é mesmo, e de longe, a mais difícil das duas coisas, além de ser a mais requisitada.

E lançou um olhar severo para o outro lado da mesa, onde estava o seu filhinho, que se sentiu tão envergonhado que baixou a cabeça, ficou rubro e começou a chorar, deixando as lágrimas pingarem dentro do chá. No entanto, ele era tão pequeno que tinha de ser perdoado.

— E esse é o final da história? — perguntou o Ratão-d'água.

— É claro que não — respondeu o Pintarroxo. — Esse é o começo.

— Então você está muito fora de moda — disse o Ratão. — Todo bom contador de histórias, hoje em dia, começa com o fim, e aí então é que passa para o começo, acabando com o meio. Esse é o novo método. Eu soube de tudo outro dia, de um crítico que estava passeando pelo lago com um jovem. Ele discorreu longamente a respeito, e estou certo de que devia estar correto, porque usava óculos azuis e era careca, e todas as vezes que o jovem fazia algum comentário, ele sempre respondia “Pois sim!”. Mas, por favor, continue com a sua história. Gostei muito do Moleiro. Eu também tenho toda espécie de bom sentimento, de modo que há grande afinidade entre nós dois.

— Pois bem — disse o Pintarroxo, pulando às vezes em uma perna, às vezes na outra —, tão logo o inverno terminou e as margaridas começaram a abrir suas estrelas amarelo-pálidas, o Moleiro disse à mulher que iria visitar o pequeno Hans.

— Ora, mas que bom coração você tem! — exclamou a mulher. — Está sempre pensando nos outros. E não se esqueça de levar com você a cesta grande, para as flores.

Então o Moleiro amarrou as velas do moinho com uma forte corrente de ferro e desceu a colina, com a cesta no braço.

— Bom dia, pequeno Hans — disse o Moleiro.

— Bom dia — disse Hans, apoiando-se em sua pá e sorrindo de orelha a

orelha.

— Como é que passou todo esse inverno? — perguntou o Moleiro.

— Bem, na verdade — exclamou Hans —, é muita bondade sua perguntar, muita bondade mesmo! Temo que as coisas tenham sido um pouco duras, mas agora a primavera chegou e eu estou muito feliz, e todas as minhas flores estão indo muito bem!

— Nós falamos de você muitas vezes durante o inverno, Hans — disse o Moleiro —, imaginando como você estaria passando.

— Muita bondade sua — disse Hans. — Eu estava com medo de que tivesse se esquecido de mim.

— Hans, você me surpreende — disse o Moleiro. — Quem é amigo jamais se esquece. Isso é o que a amizade tem de maravilhoso, mas temo que você não compreenda a poesia da vida. Por falar nisso, como estão lindas as suas margaridas!

— Elas estão mesmo muito bonitas — disse Hans. — É uma sorte para mim que eu tenha tantas. Vou levá-las ao mercado e vendê-las à filha do Burgomestre, e comprar de volta o meu carrinho de mão com o dinheiro!

— Comprar de volta seu carrinho de mão? Será que está dizendo que o vendeu? Mas isso é uma grande estupidez!

— Bem, na verdade — disse Hans —, eu fui obrigado. Sabe, o inverno é uma época muito difícil para mim, e eu não tinha nenhum dinheiro para comprar pão. Primeiro eu vendi os botões de prata do meu paletó de domingo, depois vendi minha corrente de prata, depois meu cachimbo grande e, finalmente, meu carrinho de mão. Mas agora eu vou comprar tudo de volta.

— Hans — disse o Moleiro —, eu lhe darei o meu carrinho de mão. Não está em estado muito bom, para falar a verdade está faltando um lado, e há qualquer coisa errada com os aros da roda, mas apesar disso eu o darei a você. Eu sei que é muito generoso de minha parte e que muita gente vai pensar que é uma grande tolice eu me desfazer dele, mas eu não sou como o resto do mundo. Creio que a generosidade é a essência da amizade e, além do mais, eu tenho para mim um carrinho de mão novo. Isso mesmo, você pode ficar descansado que eu lhe darei o meu carrinho.

— Bem, é uma grande generosidade sua — disse o pequeno Hans, e sua engraçada carinha redonda brilhou de prazer. — Eu posso consertá-lo com facilidade, já que tenho uma tábua em casa.

— Uma tábua! — disse o Moleiro. — Pois era disso mesmo que eu estava precisando para o telhado do meu celeiro. Está com um buraco muito grande, e o milho vai ficar todo úmido se eu não tapá-lo. Que sorte você ter falado nisso! É notável como uma boa ação sempre gera outra. Eu lhe dei o meu carrinho de mão e você vai me dar a sua tábua. É claro que o carrinho vale muito mais do que a tábua, mas a verdadeira amizade jamais repara em coisas como essa. Por favor, vá logo pegá-la, que eu começo hoje mesmo a trabalhar no celeiro.

— Mas é claro! — exclamou o pequeno Hans, que logo correu para seu barraco e arrastou a tábua para fora.

— Não é uma tábua muito grande — disse o Moleiro olhando para ela —, e temo que depois que eu consertar o buraco no telhado do meu celeiro não irá sobrar nada para você consertar o carrinho de mão. Mas é claro que isso não é culpa minha. E agora, já que eu lhe dei o meu carrinho, estou certo de que você gostaria de me dar algumas flores em troca. Aqui está a cesta, e não deixe de encher bem.

— Encher bem? — disse o pequeno Hans, um tanto tristonho, já que a cesta era realmente muito grande, e ele sabia que se a enchesse não lhe sobriam flores para o mercado, e estava com muita vontade de conseguir de volta seus botões de prata.

— Bem, na verdade — respondeu o Moleiro —, como eu lhe dei meu carrinho de mão, não creio que seja demais pedir-lhe algumas flores. Eu posso estar enganado, mas pensava que a amizade, a verdadeira amizade, era totalmente isenta de qualquer tipo de egoísmo.

— Meu querido amigo, meu melhor amigo — exclamou o pequeno Hans —, você é bem-vindo a todas as flores do meu jardim. Eu prefiro seus bons olhos a meus botões de prata, em qualquer tempo. — E correu para colher todas as suas lindas margaridas, para encher a cesta do Moleiro.

— Adeus, pequeno Hans — disse o Moleiro e subiu a colina com a tábua no ombro e a grande cesta na mão.

— Adeus — disse o pequeno Hans, e começou a cavar, muito alegre, de tão contente que estava com o carrinho de mão.

No dia seguinte, ele estava prendendo uns ramos de dama-da-noite na varanda, quando ouviu a voz do Moleiro, que o chamava lá da estrada. Ele pulou da escada, correu pelo jardim e espiou por cima do muro. Lá estava o Moleiro com um grande saco de farinha nas costas.

— Querido Hans — disse o Moleiro —, será que você se importaria de carregar esse saco de farinha para mim até o mercado?

— Ah, sinto muito — disse Hans —, mas hoje realmente estou muito ocupado. Eu tenho de prender todas essas trepadeiras e tenho de regar as flores e cuidar de toda a grama.

— Ora, realmente — disse o Moleiro. — Eu acho que, considerando que eu vou lhe dar meu carrinho de mão, a sua recusa não me parece nada amigável.

— Ah, não diga isso — exclamou o pequeno Hans —, eu não deixaria de ser amigável por nada neste mundo.

E depois de correr para apanhar seu gorro, ele saiu carregando o grande saco em seus ombros.

O dia estava muito quente, e a estrada terrivelmente poeirenta, e antes de Hans alcançar o sexto marco já estava tão cansado que teve de sentar-se para descansar. No entanto, ele continuou o caminho corajosamente, e afinal chegou ao mercado. Depois de haver esperado lá por algum tempo, vendeu o saco de farinha por um ótimo preço, voltando imediatamente para casa, pois tinha medo de acabar encontrando ladrões pelo caminho.

— Não há dúvida de que foi um dia bem duro — disse o pequeno Hans para si mesmo, quando ia se deitar. — Mas estou contente porque não me recusei a ajudar o Moleiro, que é o meu melhor amigo e, além do mais, vai me dar o carrinho de mão dele.

Logo cedo, na manhã seguinte, o Moleiro apareceu para receber o dinheiro do saco de farinha, mas o pequeno Hans estava tão cansado que ainda estava na cama.

— Palavra que você é muito preguiçoso — disse o Moleiro. — Realmente, considerando que eu vou lhe dar meu carrinho de mão, acho que você poderia trabalhar um pouco mais. A ociosidade é um grande pecado, e eu por certo não gosto que nenhum de meus amigos seja preguiçoso ou ocioso. Você não deve se importar de eu falar com você assim com tanta franqueza. É claro que nem sonharia em fazê-lo se eu não fosse seu amigo. Mas o que adianta a amizade se não se pode dizer exatamente o que se pensa? Qualquer um pode dizer coisas encantadoras e tentar agradar e bajular, mas um verdadeiro amigo sempre diz coisas desagradáveis, sem se importar se causa dor ou não. Na realidade, se ele for amigo de fato, é isso o que ele prefere, por saber que está fazendo o bem.

— Eu sinto muito — disse o pequeno Hans, esfregando os olhos e tirando sua touca de dormir —, mas eu estava tão cansado que pensei em ficar deitado só um pouquinho, ouvindo os pássaros cantarem. Sabe que eu sempre acho que trabalho melhor depois de ouvir os pássaros cantando?

— Muito me alegro com isso — disse o Moleiro, dando um tapa nas costas do pequeno Hans. — Porque eu queria que você viesse até o moinho assim que se vestisse, para consertar o telhado para mim.

O pobre Hans estava louco para ir trabalhar em seu jardim, pois fazia dois dias que suas flores não eram regadas, mas não quis recusar o pedido do Moleiro, que era tão seu amigo.

— Você acha que seria muito inamistoso de minha parte se eu dissesse que estou ocupado? — perguntou ele com voz tímida e envergonhada.

— Ora, na verdade — respondeu o Moleiro, —, não me parece que eu esteja pedindo demais, levando em conta que eu vou lhe dar meu carrinho de mão. Mas, é claro que, se você se recusar, eu vou e conserto eu mesmo.

— Ora, de jeito nenhum! — exclamou o pequeno Hans. E, pulando para fora da cama, vestiu-se depressa e foi para o celeiro.

Trabalhou lá o dia inteiro, até o pôr do sol, quando então o Moleiro apareceu para ver como ele estava indo.

— Como é, já consertou todo o telhado, pequeno Hans? — perguntou o Moleiro, com voz muito alegre.

— Está tudo consertado — respondeu o pequeno Hans, descendo a escada.

— Ah! — disse o Moleiro. — Não há trabalho que se faça com mais prazer do que aquele que se faz para os outros.

— Não há dúvida de que é um grande privilégio ouvi-lo falar — respondeu o pequeno Hans, sentando-se e limpando a testa —, um privilégio muito grande. Mas receio que eu jamais terei ideias tão bonitas quanto as suas.

— Ora, elas lhe ocorrerão — disse o Moleiro. — Mas é preciso que você se esforce mais. No momento, você só conhece a prática da amizade, mas algum dia haverá de conhecer também a teoria.

— E você acha mesmo que eu consigo? — perguntou o pequeno Hans.

— Não tenho a menor dúvida — respondeu o Moleiro. — Mas agora que você já consertou o telhado, é melhor ir para casa descansar, pois amanhã de manhã eu quero que você leve os meus carneiros para a montanha.

O pobre pequeno Hans ficou com medo de dizer qualquer coisa sobre o assunto, e logo cedo, na manhã seguinte, o Moleiro levou os carneiros até a cabana, e Hans saiu com eles para a montanha. Levou o dia inteiro para chegar até lá e voltar; e quando chegou, estava tão cansado que caiu dormindo na cadeira e só acordou quando o sol já ia alto.

— Como eu vou me divertir no meu jardim! — disse ele, e pôs-se logo a trabalhar.

Mas por alguma razão ele nunca conseguia cuidar de suas flores, porque seu amigo, o Moleiro, estava sempre aparecendo para despachá-lo em tarefas distantes, ou pegando-o para trabalhar no moinho. O pequeno Hans volta e meia ficava muito perturbado, pois tinha medo que suas flores pudessem pensar que ele as havia esquecido, mas consolava-se pensando que o Moleiro era o seu melhor amigo.

— Além do quê — costumava ele dizer —, ele vai me dar seu carrinho de mão, o que é um ato da mais pura generosidade.

E, assim, o pequeno Hans continuava trabalhando para o Moleiro, que continuava a dizer toda espécie de coisa bonita sobre a amizade, que Hans escrevia num caderninho e tornava a ler de noite, pois era muito bom estudante.

Aconteceu que certa noite o pequeno Hans estava sentado perto de sua lareira, quando ouviu uma forte batida em sua porta. Era uma noite muito tempestuosa, com o vento soprando e rugindo em volta da casa de modo tão terrível que a princípio ele pensou que era só a tempestade. Mas veio uma nova batida, e depois uma terceira, ainda mais forte do que as outras.

— Será algum pobre viajante? — disse o pequeno Hans consigo mesmo, e correu até a porta.

Lá estava o Moleiro, com uma lanterna em uma das mãos e um grande bastão na outra.

— Querido pequeno Hans — gritou o Moleiro —, estou com um terrível problema. Meu filhinho caiu de uma escada e se machucou, e eu vou chamar o Doutor. Mas ele mora tão longe, e a noite está tão feia, que acaba de me ocorrer que seria muito melhor se você fosse em meu lugar. Você sabe que eu vou lhe dar meu carrinho de mão, de modo que é muito justo que você também faça alguma coisa por mim.

— É claro — exclamou o pequeno Hans. — Considero um grande elogio ter vindo me procurar, e vou partir agora mesmo. Mas preciso que você me

empreste a sua lanterna, porque a noite está tão escura que tenho medo de cair na vala.

— Lamento muito — respondeu o Moleiro — mas esta é minha lanterna nova, e seria uma perda muito grande para mim se algo acontecesse com ela.

— Bem, então não faz mal, eu dou um jeito sem ela — disse o pequeno Hans, e depois de pegar seu casaco de peles, seu gorro vermelho quentinho e de amarrar uma echarpe de lã no pescoço, ele partiu.

Era uma tempestade terrível! A noite estava tão negra que o pequeno Hans mal enxergava aonde ia, e o vento tão forte que ele não conseguia parar. No entanto, ele era muito corajoso, e, depois de caminhar umas três horas, ele chegou à casa do Doutor e bateu à porta.

— Quem está aí? — gritou o Doutor, metendo a cabeça do lado de fora da janela do quarto.

— É o pequeno Hans, Doutor.

— E o que é que você quer, pequeno Hans?

— O filho do Moleiro caiu da escada e se machucou, e o Moleiro quer que o senhor vá agorinha mesmo.

— Está bem! — disse o Doutor.

Ele pegou seu cavalo, suas grandes botas e sua lanterna, desceu e cavalgou na direção da casa do Moleiro, deixando o pequeno Hans a se arrastar atrás dele.

Mas a tempestade foi ficando cada vez pior, e caiu uma chuva torrencial. O pequeno Hans não conseguia ver para onde estava indo, nem acompanhar o cavalo. Por fim, ele se perdeu e caminhou na direção da charneca, um lugar muito perigoso, porque era cheio de buracos profundos. E foi num deles que o pequeno Hans se afogou. Seu corpo foi encontrado no dia seguinte por uns pastores de cabras, flutuando numa grande poça d'água, sendo levado por eles de volta para a cabana.

Todo mundo foi ao enterro do pequeno Hans, porque ele era muito popular. E o Moleiro era o que mais chorava.

— Eu era seu melhor amigo — dizia o Moleiro. — É justo que eu ocupe o lugar mais importante.

De modo que ele é que foi na frente da procissão, usando uma longa capa preta, e volta e meia enxugava os olhos com um lenço branco.

— O pequeno Hans é, sem dúvida, uma grande perda para todos — disse o Ferreiro, quando o enterro acabou e todos eles já estavam

confortavelmente sentados na taverna, bebendo vinho temperado e comendo bolos.

— Pelo menos uma grande perda para mim — respondeu o Moleiro. — Eu praticamente já lhe havia dado o meu carrinho de mão, e agora eu realmente não sei o que fazer com ele. Lá em casa fica atrapalhando muito, e está em tão más condições que não ia conseguir nada por ele se quisesse vendê-lo. Vou tomar o maior cuidado para nunca mais tornar a dar coisa nenhuma. Sofre-se muito quando se é generoso.

— E daí? — disse o Ratão-d'água, depois de uma longa pausa.

— Bem, aí acabou — disse o Pintarroxo.

— Mas o que aconteceu com o Moleiro? — perguntou o Ratão.

— Ora, eu não sei, realmente — respondeu o Pintarroxo. — Garanto que pouco me importa.

— É evidente que não há nenhuma solidariedade em sua natureza — disse o Ratão.

— Receio que você não tenha chegado mesmo a perceber qual é a moral da história — comentou o Pintarroxo.

— A... O quê? — gritou o Ratão.

— A moral.

— Você quer dizer que essa história tem uma moral?

— Certamente — disse o Pintarroxo.

— Ora, deixe disso — disse o Ratão-d'água, com ar muito zangado. — Acho que você devia ter me dito isso antes de começar. Se tivesse, eu por certo não teria escutado. Na verdade, eu teria dito “Pois sim”, como o crítico. No entanto, eu ainda posso dizê-lo agora: Pois sim! — gritou a plenos pulmões, sacudiu o rabo e tornou a entrar em seu buraco.

— E o que é que você acha do Ratão-d'água? — perguntou a Pata, que chegou nadando alguns minutos mais tarde. — Ele tem vários pontos positivos, mas eu, do meu lado, tenho meus sentimentos maternos, e jamais consegui olhar para um solteirão convicto sem que as lágrimas não me viessem aos olhos.

— Receio que o tenha irritado — respondeu o Pintarroxo. — O fato é que eu contei a ele uma história com moral.

— Ah! Isso é sempre uma coisa muito perigosa de se fazer — disse a Pata.

E eu concordo inteiramente com ela.